



crédito: Claudia Furnari

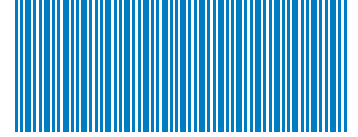
## Entrevista: Eva Furnari

### “Do traço ao texto”

Por Ricardo Prado e Gabriela Abuhab Valente, editores da *Veras*

Quando está finalizando um livro, a escritora Eva Furnari gosta de pendurar em sequência, na parede, todos os desenhos que compõem a história. Conta que faz isso para ter uma visão de conjunto e do ritmo da obra. E ficou feliz quando sua neta de 3 anos gargalhou ao ver algumas das ilustrações de *Tantãs*, seu livro mais recente, lançado em 2019. “Estou muito satisfeita porque, de alguma forma, é um livro que sobrevive às ilustrações. São pequenos contos, de gente com uns parafusos a menos. Ele representa um pouco, digamos assim, a minha maioridade em termos de texto. Eu venho nesses 30 anos desenvolvendo a escrita. Porque é difícil escrever, não é fácil”, revelaria a escritora nesta entrevista à revista *Veras*, concedida no final de 2019 em seu apartamento na Vila Romana.

Na mesa, uma pilha de livros, alguns comprados por ela em um sebo virtual, outros enviados por seus editores mundo afora.

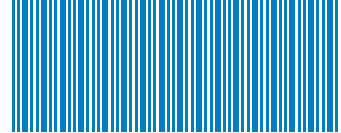


Ela mostra um que acabou de receber: a edição chinesa de seu *best-seller Felpo Filva*. Que no Reino Unido responde por *Fuzz McFlops* e foi publicado pela conceituada Pushkin Books. Felpo, o mal-humorado coelho poeta de orelhas desiguais, anda também pela Guatemala, México, Equador, Itália e outros países. Outros livros também, aqui e lá. Ao todo, Eva Furnari tem mais de 70 títulos publicados, que receberam mais de 40 premiações – entre elas, sete Jabutis.

Na sala, destaque para um desenho de Steinberg, uma influência declarada na vida dessa arquiteta que se tornou ilustradora e autora de livros antes de escrever seu primeiro livro. Explica-se: Eva Furnari foi uma das pioneiras na produção de livros sem texto, ou com textos mínimos, para crianças bem pequenas. Daí confessar que, para ela, escrever não é fácil. Já o desenho é outra história. Ou são outras histórias...

Autora exclusiva da Editora Moderna desde 2009, a exigente escritora viu nesse afunilamento editorial a oportunidade de depurar mais sua obra. Sim, má notícia. Algumas criações e criaturas nascidas da mente inquieta que desde meados dos anos 1980 vem produzindo uma série de personagens e narrativas que encantaram milhões de pequenos leitores não passarão pelo crivo da criadora. A boa notícia é que sempre há um livro se formando, mesmo que ela mesma não saiba dizer como isso acontece: “Eu navego no meio de um caos de coisas que aparecem até que, de repente, *plush plush...* tudo vai se encaixando e faz sentido. É todo um cruzamento de pensamentos, de informações e de dados que misteriosamente se organizam”.

No final de seu livro mais recente, *Tantãs*, ela criou uma falsa biografia, já que sempre disse aos seus editores que não gostava de se apresentar nos livros. No lugar de saberem quem é Eva Furnari, os leitores surpreendentemente são apresentados a um tal de Tijelo Tomatovski, nascido na Trússia, e prolífico autor de mais de 25 livros, dentre os quais *A revolta dos piolhos* e *A lombriga solitária*. E uma errata, grudada como um *post-it*, esclarece: “Houve um erro: em vez da biografia da Eva Furnari, saiu a biografia de Tijelo Tomatovski, que não tem nada a ver. Estamos investigando quem foi o responsável”. Uma saída perfeita: Eva Furnari escapa da biografia, como queria, sem perder a piada.



**Revista Veras:** Quais são suas primeiras histórias, aquelas do tempo de infância?

**Eva Furnari:** Eu sou de uma família estrangeira e quando chegamos ao Brasil eu tinha 3 anos. Não tive a tradição do Monteiro Lobato na minha infância, mas outros autores, como o Hans Christian Andersen, e alguns livros que meus pais tinham trazido da Europa (minha mãe é de origem austríaca e meu pai, de italiana), além de alguns livros da Editora Melhoramentos. Lembro que minha mãe tinha um livro grande de histórias escrito em alemão, que ela ia traduzindo para o italiano, que eu entendia. Eram contos tristes de um autor chamado Richard Leander. Eram poucas histórias, mas muito intensas. As crianças fazem uma leitura intensa, não é igual à dos adultos, que muitas vezes é passageira. Monteiro Lobato vim conhecer bem mais tarde, quando li os livros dele para os meus filhos. E acho maravilhoso o trabalho dele, mas fui descobrir já adulta.

**Revista Veras:** A arte, o desenho, o traço, quando surgem na sua vida?

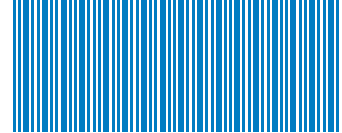
**Eva Furnari:** O desenho veio antes da literatura e do texto porque eu sempre desenhei, desde pequenina, sempre tive uma ligação muito profunda com a arte, com o visual. A gente não entende direito como acontece esse gosto pessoal. Os cadernos de escola, meus livros, eram todos desenhados, mas não tinha um caderno de desenhos naquela época, até porque não tínhamos muito dinheiro. Assim, qualquer papel que aparecesse na minha frente eu usava. Quando eu tinha 14 anos, nessa época morava em Moema, minha família conheceu um senhor aquarelista do bairro, e comecei a ter aulas de aquarela com esse professor de arte. Durante dois anos eu frequentei esse ateliê. Toda semana ele me apresentava um cartão-postal ou colocava uma fruta ou flor na minha frente, e eu tinha que desenhar e pintar.

**Revista Veras:** Então você começou pintando aquarela?

**Eva Furnari:** Sim, e aquarela é uma técnica muito difícil, é delicada, porque você tinge o papel. Se errou, não tem volta, não se cobre o erro. E esse professor não falava português, então foi tudo muito na prática. Eu perdi essas aquarelas numa mudança de casa, nem sei se eram boas... mas alguma coisa eu aprendi lá e isso foi muito importante para a minha carreira.

**Revista Veras:** E você ia a museus nessa época, frequentava exposições?

**Eva Furnari:** Nada! Fazia parte de uma família estrangeira, recolhida, não tinha muito contato com exposições nem arte. Tanto que fui estudar física! Na minha casa todos são da área das ciências; meu pai era



químico, minha mãe física, tenho irmãos engenheiros e físicos, então primeiro eu quis fazer física. Achei que tinha que seguir essa área e nem sei como entrei na USP. Mas não entendia nada das aulas de cálculo integral ou de matemática avançada. Mesmo assim frequentei um ano, mas estava bastante perdida, sem saber o que queria, até que reví um colega meu de cursinho que estava fazendo arquitetura, falou bem do curso, e resolvi fazer um ano de cursinho e tentar a FAU. Consegui e esse curso, sim, teve muito mais a ver com a minha vida.

**Revista Veras:** Você vê paralelo entre a arquitetura e a literatura, ou a proximidade é apenas pelo aspecto estético?

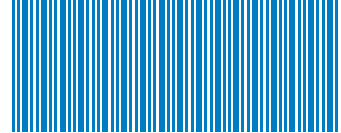
**Eva Furnari:** A arquitetura tem ligação com a literatura na medida em que há uma parte dela que exige pensamento lógico, a estrutura do pensamento, assim como você precisa saber a estrutura dos materiais, a história da arquitetura, além da parte da sensibilidade artística. E na literatura também é preciso ter esses dois polos, do pensamento racional e da sensibilidade artística. Se você tem só sensibilidade, não consegue montar uma história. É preciso ter um pensamento estruturado pra montar uma história. Assim, a FAU tinha isso no próprio espírito da escola. Conheci muita gente interessante lá, tínhamos aulas de história da arte, já estava bem mais próxima da arte.

**Revista Veras:** Não passou pela sua cabeça nessa época fazer um curso de artes plásticas?

**Eva Furnari:** Seria o mais óbvio, deveria ter passado pela minha cabeça, mas não passou... (*risos*). Eu não tinha consciência sobre o que queria fazer. Nunca ninguém me perguntou o que eu queria fazer, e as coisas iam acontecendo. Fiz algumas exposições em salões, de aquarela e tinta a óleo, e no final da faculdade um ex-professor do cursinho me convidou para fazer parte de um grupo que montou um ateliê de artes no Museu Lasar Segall. Era uma ideia do Maurício Segall, filho do pintor, de abrir o museu para a comunidade, de discutir a função da arte em um ateliê gratuito para a população. Lá comecei a dar orientação para pintura, e assim fui atrás de aprender algumas técnicas que não dominava, como a xilogravura e a cerâmica. Isso foi em torno de 1975.

**Revista Veras:** Era uma época de ditadura. Essa situação te afetava de alguma forma?

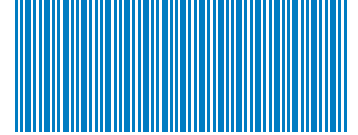
**Eva Furnari:** Eu era uma artista avoadada, não tinha muita conexão com a política. Mas na FAU havia um ambiente efervescente, fazíamos muitas exposições, e tínhamos um professor lá chamado Flávio Mota, que era um craque na história da arte. Ele uma vez fez umas



brincadeiras com uns livrinhos. Ele fazia uns desenhos parecidos com os do Steinberg, de quem eu gosto muito, tenho até tenho um quadro dele, meio desbotado, mas está aí – *[aponta para o quadro em lugar de destaque na sala]. [Saul] Steinberg e Paul Klee eram dois artistas que contaminavam a gente... Aí, o Flávio fez esses desenhos e usou a gráfica da faculdade pra imprimir uns livretinhos. E deu uma febre na turma de fazer esses livretinhos com desenhos. E isso foi me tomando, comecei a fazer mais livretinhos ilustrados. Tinha um colega que me deu de presente um livretinho com três desenhos. Na verdade ele estava me paquerando, mas não deu muito certo porque ele não falava e eu também não. Desenhista é bicho do mato, tímido. Escritor não, fala pra caramba! Tanto que fui me tornando escritora e comecei a falar (*risos*). Mas eu era muito bicho do mato, e ele também. De qualquer forma, esse presente dele me marcou porque era um desenho mais elaborado, não era só um desenho simples. Era uma pequena história, não uma lista de desenhos apenas. Havia um personagem numa cidade, e ele fazia toc-toc-toc quando andava; no segundo quadro ele olhava o relógio, que fazia tic-tac, e no terceiro quadro ele morria, o coração fazia tuc-tuc e parava. A gente era dramático... havia uma coisa antirromantismo. E eu fiz uma resposta pra ele, que era uma garotinha que encontrava com esse personagem, nem me lembro o que acontecia. Bem, a partir disso comecei a fazer pequenas histórias, um pouco mais elaboradas, muito antes de pensar em livros infantis. Eu era solteira, e meus projetos não passavam pela literatura infantil. No fim da faculdade, já estava casada e com uma filha. E quando ela tinha 2 anos de idade eu comecei a comprar livros pra ela. E passei a fazer essa ligação de pequenas histórias sem texto.*

**Revista Veras:** Sua descoberta como autora tem início nas ilustrações, não? Como foi?

**Eva Furnari:** Aconteceu outra coisa nesse caminho: eu frequentava uma livraria alemã, que existe até hoje no Brooklin; havia uma sala só de livros infantis e eu ficava fuçando ali. Não entendo uma palavra em alemão, mas sentia uma ligação muito forte com esses livros. Os alemães fazem teatro pras crianças, há uma produção para esse público bastante intensa, e que tem muito a ver comigo. Nessa livraria descobri os primeiros livros sem texto, que eram escritos por um casal, Margaret e Rudolf Redisch. Na minha cabeça, eles acenderam mais uma luz. Contando a minha trajetória aqui pra você percebo que é como se eu já tivesse um negócio lá dentro de mim e fui fazendo um caminho que foi iluminando esse negócio, que depois aconteceu. Você descobre aquilo que tem que fazer. Minha vocação não estava clara pra mim. De qualquer forma, a faculdade foi importante, a minha família com suas longas discussões sobre lógica também foi importante, porque pra



você montar uma história sem texto é preciso construir uma lógica impecável. Assim, quando saí do Museu Lasar Segall me ocorreu que eu podia trabalhar desenhando livros infantis. Só que eu não conhecia ninguém, não sabia nada sobre direitos autorais, zero-zero.

**Revista Veras:** E como saiu do nível de conhecimento zero-zero para o primeiro livro?

**Eva Furnari:** Eu fiz um portfólio, peguei das *Páginas Amarelas*, que era um google da época, e fui procurando editoras. Também visitei algumas livrarias pra conhecer obras. Mas eu era muito tímida! Mesmo assim fui tentar abrir a primeira porta na editora Ática, onde tinha uma amiga trabalhando, e que me indicou pra falar com uma editora. Levei minhas ilustrações, mas senti que ela não iria me chamar jamais porque não tinha se identificado com meu portfólio, que nem era mesmo muito bom. Senti que ela não tinha sentido afinidade com o meu trabalho. Mas no final da entrevista falei que também tinha umas histórias desenhadas sem texto. O Juarez Machado nessa época havia publicado os primeiros livros nesse formato, um livro chamado *Ida e volta*, que era o único livro sem texto que tínhamos por aqui. Ela me pediu para mostrar, voltei no dia seguinte, e depois de uma semana ela me ligou e pediu logo quatro livros. Aí eu fiquei chocada com aquele pedido, não sabia como fazer, nem sobre o quê. Ficou péssimo o trabalho, até hoje eu tenho vergonha deles... (risos)

**Revista Veras:** Essa foi a sua avaliação. Mas e a da editora?

**Eva Furnari:** Acontece que as pessoas gostaram, para meu espanto. Eram bem simples: dois deles tinham pequenas histórias, com quatro quadrinhos cada uma, e dois deles eram cenas de cotidiano. Se chamavam *Todo dia* e *De vez em quando*. Na época o Edmir Perrotti, que era professor na ECA-USP, escreveu uma crítica no jornal *O mulherio* falando bem do meu trabalho. Aí, a Cecília Zione, que era editora da *Folhinha de S.Paulo*, o suplemento infantil da *Folha* que estava começando, me convidou pra fazer uma tirinha ali.

**Revista Veras:** É dessa época de colaboradora da *Folhinha* que surge a *Bruxinha*. Ela foi sua primeira personagem? Como surgiu?

**Eva Furnari:** Sim, foi nessa época em que criei a *Bruxinha*, não de imediato, aconteceu uns dois meses depois que comecei a colaborar. Isso foi em fevereiro de 1982.

**Revista Veras:** Essa personagem inicial surgiu porque você sentia necessidade de gerar uma continuidade nas histórias ou a *Bruxinha* não foi planejada?



**Eva Furnari:** Não foi, nunca planejei nada racionalmente, sempre fui uma pessoa intuitiva, de não ter muitas coisas na consciência, elas vão surgindo a partir do trabalho. Quando apareceu essa personagem, vi que ela era muito forte porque, com a capacidade que a Bruxinha tinha de transformação, eu ganhei muitas possibilidades para criar situações engraçadas, ou estranhas. Naqueles três ou quatro anos escrevendo toda semana aprendi muito porque a percepção de quando se vê o trabalho publicado é bem diferente de quando ele está na prancheta.

**Revista Veras:** Como é essa diferença?

**Eva Furnari:** É como se você tivesse um olhar diferente... O ponto de vista de como se observa o trabalho quando está publicado é quase como se fosse de outra pessoa. Enquanto leitor, acho que se ganha mais discernimento, mais crítica. Eu aprendia semanalmente o que dava certo e o que não dava. Inclusive tive que elaborar uma técnica para o trabalho



Bruxinha Zuzu, a primeira personagem, e seu vestido criado para a impressão em preto e branco.

ficar bom no preto e branco do jornal. A impressão não é precisa, o papel-jornal dá uma borradinha. E o suplemento infantil nessa época ainda era impresso em preto e branco. Então, eu voltei para aquela livraria alemã no Brooklin para ver como os artistas alemães trabalhavam o preto e branco e, aí, descobri algumas coisas. Por exemplo, se você fizer uma aquarela cinza no preto e branco, ela fica deprimida, não fica bom. Percebi que tinha que usar contrastes, e uma das coisas que criei nesse processo foi o vestido preto com bolinhas brancas da Bruxinha, que dava uma alegria pra personagem. Foi por causa do jornal. Depois, quando veio a cor, descobri que o cabelo dela era vermelho... (risos). Hoje os filhos desses meus primeiros leitores da Bruxinha é que são os meus leitores.



**Revista Veras:** E como foi o salto do jornal para o livro?

**Eva Furnari:** O mesmo Edmir Perrotti que havia feito a primeira crítica dos meus livros havia se tornado editor de um selo infantil das Edições Paulinas, e me chamou para colaborar, em 1985. Então, fiz um primeiro livro republicando algumas histórias da Bruxinha [*A Bruxinha atrapalhada*] e fiz mais alguns livros: *Violeta e Roxo*, *Zuza e Arquimedes*, *Filó e Marieta*, *A Bruxinha e o Gregório e Amendoim*. Então, comecei a frequentar as bienais de livro, os congressos de literatura, ganhei um prêmio, e aí tudo começou...

**Revista Veras:** Qual foi o livro que confirmou uma carreira, aquele que foi um ponto de virada na sua carreira?

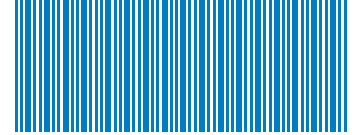
**Eva Furnari:** Tem alguns que marcaram algumas viradas, mas acho que os mais importantes foram aqueles primeiros encomendados pela Editora Ática [*Cabra-Cega*, *Todo dia e De vez em quando*], porque eu fiquei tão mobilizada! Eu já era artista plástica quando publiquei meu primeiro livro, e percebi que meu desenho estava muito limitado. Primeiro, por uma crença do que era um livro infantil, e isso é limitante porque está baseado em livros que você leu e conhece. A liberdade que eu tinha como artista plástica eu não tinha como ilustradora. Levei uns 15 anos para me sentir à vontade no formato livro e conseguir inserir toda a liberdade que eu sentia como artista plástica na narrativa. A emoção de publicar me revelou que eu era uma escritora. Mas sempre fui uma pessoa do fazer, as reflexões vêm posteriormente. A intuição faz sentido também.

**Revista Veras:** Qual é o primeiro livro seu no qual se introduz algum texto?

**Eva Furnari:** Essa é uma boa pergunta, preciso consultar o meu site [*localiza no site [www.evafurnari.com.br](http://www.evafurnari.com.br) um livro*]. Aqui está, *Violeta e Roxo*. Esse livro, de 1984, foi o primeiro com texto. A Ruth Rocha tinha uma editora chamada Quinteto, junto com o Walter Ohno, e eles faziam umas coisas geniais. Aí inventei essa história em que a Violeta e o Roxo entravam na televisão, viviam umas aventuras; foi por causa desses amigos. É uma história doida, não é bem escrita, nem tão boa. [*Eva mostra outra coleção de livros sem texto: Quem cochicha, o rabo espicha; Quem embaralha, se atrapalha; Quem espia, se arrepia*] Esses livros abrem no meio e isso dá um monte de situações diferentes... Este [*Quer brincar?*] também não tem texto...

**Revista Veras:** Que é aquele em que a menina sonha que está brincando com seu vizinho...





**Eva Furnari:** É esse. Sim, ele mesmo. É ruim esse livro (*risos*).

**Revista Veras:** Ruim esse livro?! Você é tão crítica assim em relação à sua produção?

**Eva Furnari:** Eu escrevi 67 livros. Agora eles são 34, os outros todos eu tirei de circulação quando me tornei autora exclusiva da Moderna.

**Revista Veras:** Que expurgo! (*Risos.*)

**Eva Furnari:** Às vezes me pego em algum detalhe besta e renego aquele livro. Mas esse eu vou reler. Acho que só a partir de 1991 começam a surgir os livros que considero mais consistentes, como, por exemplo, *Não confunda*, *Assim assado* e *Você troca?*, que já tinham sido publicados pela Moderna e foram reformulados em 2012. *Você troca?* é uma brincadeira com rimas, e os professores usam esses livros porque ele tem uma estrutura de jogo. Eles pedem para as crianças refazerem criando as próprias rimas. Esses três livros são muito usados nas escolas.

**Revista Veras:** Quando você reformula um livro, o que isso significa?

**Eva Furnari:** No caso desses três, refiz o projeto visual, a capa, também refiz alguns desenhos dos quais eu tinha vergonha, mudei também a fonte. Nesses oito anos desde que me tornei autora exclusiva da Moderna reformulei trinta e tantos livros, e escrevi mais seis. Eu quase enlouqueci!

**Revista Veras:** E quando surge a primeira narrativa mais longa?

**Eva Furnari:** Em 1984, com *A bruxa Zelda e os 80 docinhos*. Esse é um texto maior, e eu diria que foi outro livro marcante. Eu estava fazendo um novo livro sobre a Bruxinha e, na minha fantasia, apareceram outras personagens. E eu disse pra mim mesma: “Não, agora não, tô trabalhando, sai daqui...” Mas eles ficaram rondando. Eram as personagens daquela cidade chamada Piririca da Serra, que têm um pouco a ver com a minha família, que tem essa coisa meio de cientista maluco. Então, naquela cidade havia um cientista, uma bruxa e a cidade normal. É um pouco o confronto entre a ciência e a bruxaria – que é um confronto verdadeiro que existe entre as coisas cientificamente provadas e o mistério que ninguém explica. Eu recebi essas personagens, vi que havia ali uma riqueza, uma situação, alguma confluência, e também um conflito. Porque toda história surge quando existe algum conflito. E percebi que não dava para contar aquela história só com imagens, ela era mais complexa. Era de outra natureza. Aí escrevi; só que eu não tinha a familiaridade com o texto que tinha com o



visual e fui correr atrás do prejuízo. Reescrevi a história umas duzentas vezes. E funcionou. Deu certo.

**Revista Veras:** Como é seu processo de reescrita? Você muda muito, mais poda, ou corre o risco de virar uma outra história?

**Eva Furnari:** Tem de tudo. Quando eu vou criando, meu pensamento vai se ramificando que nem galho de árvore. Eu vou pensando: “Isso tem a ver, isso não”, e vou contornando a história até ela funcionar logicamente. Às vezes você tem um monte de ideias, mas elas aparecem no lugar errado; então, é preciso realocá-las. Na verdade navego no meio de um caos de coisas que aparecem até que, de repente, *plush plush...* tudo vai se encaixando e faz sentido. É todo um cruzamento de pensamentos, de informações e de dados que misteriosamente se organizam. E então, até essa história [*A bruxa Zelda e os 80 docinhos*] eu ilustrava livros para outros autores. Ilustrei mais de cem livros para outros autores porque eu tinha que desenhar muito pra conseguir dinheiro pra sustentar minha família. Ilustração é muito mal paga, até hoje, é um absurdo o que se paga. Então, eu tinha que ilustrar pelo menos um livro por mês. E para elaborar um livro meu demorava mais tempo do que para ilustrar livros de outros autores, claro.

**Revista Veras:** *A bruxa Zelda* tem um trabalho de ilustração muito detalhista, é bastante complexo. Como foi a criação desse livro, depois da escrita?

**Eva Furnari:** Senti que aquela história merecia que eu caprichasse muito mais no desenho. Só que eu não tinha dinheiro. Lembro que pedi emprestado pra minha irmã, que sempre foi minha protetora, física, tinha salário, não era artista... (*risos*). Porque levei longos três meses pra fazer, dessa vez um trabalho muito mais elaborado porque fiz rascunho, os desenhos tinham fundo, perspectiva, ambientação, um monte de coisas. Dessa vez fiquei muito satisfeita com o resultado, e *A bruxa Zelda* acho até que ganhou um prêmio [*Jabuti de ilustração 1985 e selo Altamente Recomendável da FNLIJ 1984*]. E na sequência fiz outros que também se passavam nessa cidade de Piririca da Serra: *Operação Risoto*, *O feitiço do sapo*. Depois escrevi *Sorumbática*, *Anjinho*, *Cocô de passarinho...* Enfim, daí comecei a escrever histórias. Ainda com textos curtos. Em 1998 escrevi meu único livro juvenil [*O segredo do violinista*]. Até que gostei dele...

**Revista Veras:** Como é seu processo de ilustração de um livro? Ele mudou ao longo do tempo?

**Eva Furnari:** Eu faço um planejamento antes de passar o desenho para o papel de aquarela, que é um papel tipo mata-borrão. O papel



aquarela não tem cola em cima, e com isso tem três características que são complicadas: ele é áspero; ou seja, se eu passo um lápis fininho ele dá umas distorcidas no desenho, devido à rugosidade. Ele também é muito grosso e na mesa de luz não consigo perceber todos os detalhes que havia no rascunho. Por fim, me dava a impressão de que a alma do desenho havia ficado no rascunho. Quando descobri esse papel, primeiro fiquei deslumbrada com ele, depois fui me acomodando e no fim já estava me incomodando. Nesse tempo eu ia bastante às escolas e gostava de observar o desenho delas, e achando o máximo como eles copiavam o meu desenho e ficava mais interessante, porque mais distorcido, espontâneo, cheio de cores malucas. Até que fui convidada para um congresso e me convidaram, por algum equívoco, para uma mesa-redonda com dez pessoas falando sobre reprografia, a questão dos direitos autorais envolvendo as cópias de xerox, que haviam começado a surgir naquele tempo. Eu pensei: “O que eu tô fazendo aqui nessa mesa?!”, mas também não podia ser mal-educada com a pessoa que havia me convidado. Então, fiz a minha parte, falei alguma coisa do meu livro. Só que fiquei duas horas lá, sentada, absolutamente entediada porque era um tema árido. Mas eu tinha muito papel e uma caneta, e fiquei desenhando, desenhando... E nesses desenhos consegui finalmente captar a essência da coisa, aquela espontaneidade que eu via no trabalho infantil. Aí o trabalho seguinte que eu queria fazer, que seria envolvendo a solução de problemas matemáticos, era próprio para esse tipo de desenho porque eu não precisava repetir personalidade. Cada página trazia um personagem diferente e assim eu podia brincar de inventar. E aí apareceram aqueles caras imundos, sujos. Com esse livro [*Os problemas da família Gorgonzola*] descobri que o importante do meu trabalho não era a pintura, era o desenho. Veja você que, às vezes, a gente pode levar 30 anos pra descobrir o óbvio. O marcante no meu trabalho de ilustração é o desenho, não é a pintura.

**Revista Veras:** Foi por causa disso que você sentia que a alma ficava no rascunho quando usava o processo tradicional no papel de aquarela?

**Eva Furnari:** Isso! Porque eu privilegiava a aquarela. Daí, a partir de *Os problemas da família Gorgonzola*, passei a usar um papel mais duro, tipo inglês, que tem muita cola, você pode apagar e refazer o quanto quiser e, se por um lado a pintura fica um tanto prejudicada, por outro lado eu vi que isso não tinha a menor importância porque faço desenhos pequenos. Foi quando a minha ilustração deu um salto e comecei a me divertir com ela. A gente não consegue entender o que deixa um desenho engraçado...

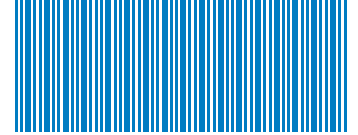


### Revista *Veras*: Sua técnica preferida ainda é a aquarela?

**Eva Furnari:** É a que mais uso porque como na minha ilustração o mais importante é o desenho, a aquarela é delicada e respeita o traço. Seu eu fizer um guache nesse traço fininho ele não compõe com um traço fino. Com desenhos superelaborados, como os que eu faço, se eu passar um guache por cima não funciona; nem a tinta acrílica. A aquarela combina com o desenho. Eu fico quase maluca, fico um tempão em cada ilustração. Antes de fazer o desenho tenho o livro inteiro planejado, em rascunho.



Rascunho e arte final de uma página de *Trudi e Kiki* (Moderna, 2010).



**Revista Veras:** Você tem alguns autores que a influenciam?

**Eva Furnari:** Estou sempre procurando. Tem o Roald Dahl, tem a Mafalda... [*personagem criada pelo cartunista Quino*]. Também gosto de ler livros policiais, talvez pelo meu interesse nas histórias com narrativas, porque esse gênero tem sempre um engendramento. O que mais me interessa é a estrutura. Gosto também de ler a J.K. Rowling. Eu gosto muito do Harry Potter. Acho que a autora captou muito bem a necessidade de uma geração que foi educada sem noção de espiritualidade, de Deus, de agradecer por alguma coisa superior a nós. Ninguém falou que Deus existe pra essas crianças. Aí ela entra com a magia, que é justamente a possibilidade da transcendência da pura materialidade. Porque o ser humano não suporta esse buraco existencial. Por exemplo, veja essa moda de caveirinha... a gente está continuamente negando a morte, todo mundo quer ser jovem, temos aí as plásticas, os implantes de cabelo, e aí aparecem as caveirinhas, ou um livro como *A culpa é das estrelas*, que é um romance juvenil de dois jovens que têm câncer e se apaixonam. Ninguém mais fala de doença e de morte para as crianças e jovens, são os adultos querendo adocicar a vida das crianças.

**Revista Veras:** Queria que você falasse sobre o *Nós*, de 1999. Tenho curiosidade em saber como surgiu essa história que faz uma metáfora visual do nó na garganta que todos já sentimos.

**Eva Furnari:** Eu era uma pessoa muito desligada, sempre tive meus problemas pessoais e sempre fiz muita terapia. Desde 1985, fiz quase 40 anos de terapia, participei de um grupo de estudos de Jung por cinco anos, porque sempre me interessou este assunto: como somos nós por trás de nossas máscaras? O escritor mexe nisso, e isso sempre foi um assunto pessoal importante pra mim. Como funciona a cabeça da gente? Como a gente lida com a nossa natureza? Esse *Nós* eu fui fazendo inconscientemente. Toda criança sofre *bullying*, até os mais bonitinhos, todos passam por isso. Toda criança vive a alegria e o sofrimento também. E as metáforas aparecem intuitivamente, não têm explicação. Eu tenho uma amiga chamada Ângela, que é dona de uma livraria chamada Casa de Livros, e nessa época ela estava fazendo rolfing. Ela viu as minhas artes, eu já tinha escrito a história, estava pra entregar o livro, e ela comentou comigo: “Que interessante... Você sabe que o rolfing desfaz os nós que fazemos no corpo?” E eu nem sabia que nós fazemos nós no corpo! Então, ela sugeriu que eu levasse aquelas ilustrações para o grupo de alunos que estavam fazendo o curso de rolfing. Levei e mostrei pra eles e foi uma catarse, teve gente que até chorou depois que li o texto e eles viram as ilustrações. E aí houve uma dessas coincidências incríveis porque lá eu soube que

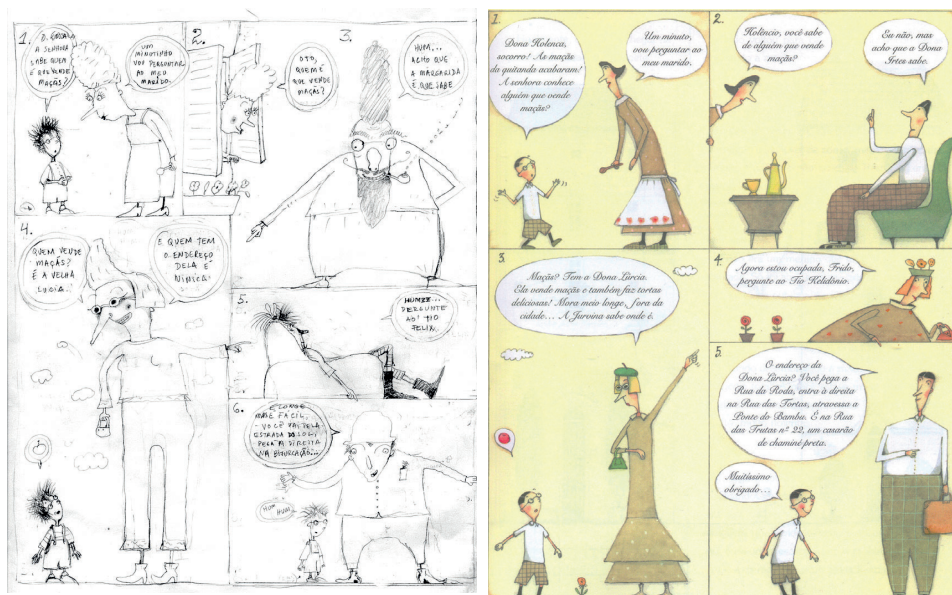


existe um nó dentro do nariz, segundo a interpretação rolfing, que é chamado de “o sétimo nó”. E na história justamente esse era o sétimo nó! Eu escuto muitos depoimentos de jovens e de professores que dizem ter sido muito tocados por esse livro, que, por sinal, agora também virou uma peça, que está em cartaz em São Paulo encenada pelo Grupo Barracão [em dezembro de 2018].

**Revista Veras:** Como nasceu a ideia de um livro?

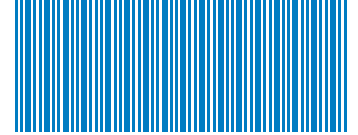
**Eva Furnari:** Eu tenho mais ou menos dois processos de criação. No caso das histórias sem texto, fecho o olho, me concentro, e a coisa vai acontecendo de forma misteriosa na minha imaginação, tipo sonhar de olhos abertos. Eu não entendo como acontece, é o mistério da criação. Os artistas têm essa antena que capta algumas necessidades que emergem do inconsciente coletivo, e o artista capta isso. Por isso que é intuitivo, não passa pelo racional. Só que, em relação aos livros com texto, não acontece assim. Talvez porque essa ligação tão forte com a imagem eu não tenho com o texto.

**Revista Veras:** Vamos pegar um livro, *Cacoete*, por exemplo, que tem um texto longo mas, também, uma história muito marcada visualmente. Nesse caso, o que veio primeiro, o texto ou a imagem?



Planejamento e arte final de uma página do livro *Cacoete* (título em itálico)

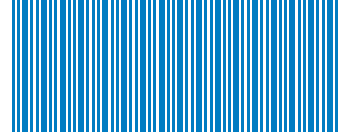
**Eva Furnari:** O *Cacoete* tem uma longa história. Eu o escrevi num momento em que já podia viver de direitos autorais, o que é uma benção nessa santa terra, e pra mim foi uma dádiva. Eu pude ficar longos dois anos fazendo, ia e voltava, fazia novos desenhos, redesenhava. A primeira sementinha dela foi uma viagem que fiz para Curitiba; eu estava numa escola e na frente da escola havia um hospital chamado Pequeno



Príncipe. E o rapaz que cuidava da biblioteca de lá viu o cartaz na escola, foi lá atrás de mim pra pedir que eu também visitasse as crianças que estavam fazendo tratamento lá. Eu arrumei uma hora, no almoço, e fui pra lá. Mas não sabia o que falar. E resolvi desenhar. Aí vi aquelas crianças fazendo tratamento, algumas em macas, e havia também médicos e enfermeiras junto, e me deu uma intuição: fui desenhando um bonequinho, apareceu uma bruxa malvada que fez um feitiço e desorganizou o menino, mudou o lugar das pernas, bagunçou ele fisicamente. Aí veio a fada, fez outra magia e reorganizou o menino. Acho que isso foi a primeira semente do *Cacoete*, e funcionou naquele contexto porque aquelas crianças estavam de fato desorganizadas, seja física seja psicologicamente. Aquele foi um encontro muito marcante. E nessa mesma viagem, já na escola, tinha um quadro branco desses para ser usado com caneta, e na sequência eu contei essa mesma história mais duas vezes, para as turmas da escola. E a história foi crescendo. Eu ia apagando um pedaço do quadro-negro e continuava a história. E acho que a história é melhor ainda do que o livro. Eu tinha uma canetinha vermelha, que primeiro virou uma maçã, depois um nariz de palhaço. Tudo porque eu tinha aquela canetinha vermelha... Essa história eu passei a contar em outras apresentações, até que resolvi que seria bom colocá-la num livro. Acho que foi meu filho que sugeriu: “Por que você não estende essa desorganização do menino pra cidade inteira?”. Ela foi ampliando e se tornou uma história bem complexa. Ela pode não parecer, mas é bem complexa. E aí, depois que publiquei, foi que entendi porque eu tinha demorado tanto e qual era o significado dessa história.

**Revista Veras:** Por que demorou tanto a produção desse livro?

**Eva Furnari:** Eu estava estudando com uma amiga minha essa questão dos valores na educação, o que está acontecendo em relação a isso; de vez em quando a gente se reunia. Cheguei a dar uma palestra pra mil professores sobre isso, mesmo sem ser acadêmica nem especialista no assunto. Isso porque, no começo, aquela história da organização em *Cacoete* tem a ver com a organização das sociedades patriarcais, nas quais há uma ordem superior, e um monte de gente submissa a essa ordem, quem desobedece é punido, e esse sistema de organização funcionou durante mais de dois mil anos, e toda sociedade precisa de um sistema de organização. E lá vem a crença no sistema patriarcal, no âmbito do governo, da família, da psique, da educação. Só que, durante o século 20, a crença nesse sistema e o respeito a ele foram por água abaixo. Isso que começa na Revolução Francesa, com o fim dos reis, que passa no século 19 com Marx, com Darwin e com Freud, começa a mostrar o sofrimento que existe na infância. O desvendamento do inconsciente colocou em xeque a autoridade, que gerava traumas nas crianças. Isso tudo foi quebrando



o prestígio da autoridade suprema patriarcal. Depois vêm a primeira e a segunda Guerra Mundial, que trazem uma percepção de que viver não vale a pena, que é preciso soltar, liberar, conquistar a liberdade, e junto a descrença na autoridade. Chegam a contracultura, os hippies com sexo, drogas e *rock and roll*, e a liberdade começa a ser o novo deus. A satisfação dos desejos do indivíduo em vez da ordem coletiva passa a ser a nova procura. A tecnologia, que acaba de detonar o poder das autoridades concentradas, a internet detonou a maneira tradicional de poder, a televisão também fez isso... Com isso nós fomos migrando para a crença da democracia. E a democracia, dentro do âmbito da educação, é geradora de conflitos. E lidar com esses conflitos está sendo um aprendizado que a gente está demorando muito tempo pra alcançar, não está fácil. Então, *Cacoete* é isto: você sai de um sistema com o prazo de validade vencido, que é o caso daquela cidade com regras absurdas, como a de que você só pode dar maçã pra professora, os altos sentam em cadeiras altas e os baixos em cadeiras baixas; são regras que perderam sua raiz. Um valor tem uma raiz, e uma manifestação dele, que está de acordo com a época, com os costumes etc. E, como essa parte da sociedade mudou muito, esse valor fica com a data de validade vencido. Por exemplo, o respeito, que na época do patriarcalismo todos sabiam muito bem o que era, que era preciso chamar o pai de Senhor, a mãe de Senhora, fazer isso e aquilo, hoje está tudo diferente: alguém não pode usar celular, outro pode; um responde pra mãe, outro não. É preciso revalidar esses princípios. E o *Cacoete* é isto: aquela bruxa, que é uma mistura de bruxa com palhaço, destrói essa lógica, e fica uma cidade onde cada um é de um jeito. Onde os professores têm de estudar pra entender essa nova cidade. Então, eu percebi depois que havia projetado nessa história essas minhas reflexões.

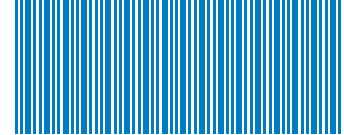
**Revista Veras:** E seu best-seller *Felpe Filva*, como surgiu?

**Eva Furnari:** Eu estava com minha amiga Ângela [*Aranha*], da Casa de Livros, almoçando, e ela me disse que na semana seguinte teria que fazer uma feira com gêneros literários, com livros de poesia, de contos, de crônicas etc. Aí eu brinquei com ela: “Eu faço tudo isso num livro só”. Falei de arrogante, fui pretensiosa, mas acabamos fazendo uma aposta. Eu escrevi dois livros que ficaram ruins, não funcionaram, e o terceiro foi o *Felpe*, que funcionou.

**Revista Veras:** Sua obra é muito adotada nas escolas. Imagino que você frequente muito esse ambiente. Como são essas visitas?

**Eva Furnari:** Eu acho maravilhoso ter meus livros nas escolas. Posso viver disso graças aos professores. Eu me sinto muito parceira dos





professores, que são os grandes heróis anônimos que levam o país adiante. Pode ser que um ou outro faça uma prova meio besta, tipo “de que cor era o vestido da personagem?”, tentando racionalizar o contato da criança com a obra, mas, no geral, a adoção é bem positiva. Essas coisas mal interpretadas existem em toda área, em todo lugar, pode-se sempre fazer uma coisa ruim de uma coisa boa, isso vale pra religião, pra comida, pra educação, pra qualquer coisa. É da natureza humana. Mas vai ter aquele professor que faz um trabalho espetacular, há coisas incríveis que fizeram com meus livros, fazem bonecos com meus personagens pra mostrar pras famílias.

**Revista Veras:** E como é conversar com o seu público?

**Eva Furnari:** É difícil conversar com criança. É muito mais fácil conversar com adulto. Com criança, se você não traz um assunto interessante, eles conversam, fazem bagunça, você tem que dominar a plateia. É bem complicado, você precisa fazer uma performance lá na frente porque, mesmo que eles façam perguntas, geralmente ficam tão pilhados que nem ouvem a resposta. Então, não tem diálogo. Em geral, acho mais fácil conversar com adolescente. Eu viajei o Brasil inteiro, mas essa não é a minha praia. Não sou um Pedro Bandeira, que chega lá na frente e se vira bem, não tenho esse dom. Eu conversava, respondia perguntas, desenhava os personagens, fazia brincadeiras de ilustração com as crianças, coisas assim. Fiz por mais de 30 anos essas visitas a escolas, mas não tenho mais um contato frequente, até porque fiz agora 71 anos. E trabalho pra caramba. Faço ginástica cinco dias por semana, faço feira, lavo louça, faço comida, sou avó, tenho que administrar minha carreira e ainda faço os livros novos.

